



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CLÁUDIA DE VASCONCELLOS GUEDES

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Cláudia de Vasconcellos Guedes

Entrevistador: Igor Chagas Monteiro

Local da entrevista: Juiz de Fora

Data da entrevista: 29/04/2014

Processamento da Entrevista: Igor Chagas Monteiro

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 11 páginas

Número da entrevista: E-748

Data da autorização para publicação no Repositório: 05/10/2016

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Igor Chagas Monteiro intitulada *Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em agosto de 2016.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

Sumário

Início no esporte; Inserção e trajetória na arbitragem; Formação para a atuação na arbitragem; Atuação no futebol profissional; Referências na arbitragem; Arbitragem e vida pessoal; Campeonatos que atuou; Momentos marcantes da carreira; Relação com a mídia; Federação Paulista de Futebol; Confederação Brasileira de Futebol (CBF); Federação Internacional de Futebol (FIFA); Homens e mulheres na arbitragem; Significado da arbitragem; Novas gerações;

Juiz de Fora, 29 de abril de 2014. Entrevista com Cláudia Vasconcellos Guedes a cargo do pesquisador Igor Chagas Monteiro para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.M. – Ao longo da vida, antes de sua atuação como árbitra, você teve contato com alguma prática esportiva?

C.G. - Sempre, desde a infância. Infância e faculdade.

I.M. - Qual foi?

CG: Bom, prática esportiva desde a escola, não é? Desde a escola municipal, sempre estudei em escola pública, mas em todas as escolas em que eu estudei tinham aulas de Educação Física e atividades ligadas ao esporte, diretamente.

I.M. - Você praticava alguma modalidade específica ou não?

C.G. - Não. Eu nunca fui uma atleta. Antes de ser árbitra eu nunca fui uma atleta.

I.M. - Como foi esta experiência com essas modalidades, com a prática esportiva para você?

C.G. - Maravilhosa, não é? Porque inclusive por conta dessa vida, não é? Dessas atividades desde a infância, esse incentivo dos professores de Educação Física, eu acabei me tornando uma professora de Educação Física, me deu muito amor ao esporte. E muitas amizades também, não é? Você acaba fazendo uma parte social muito grande, vocês faz muitos amigos no esporte. Além das práticas esportivas, era responsabilidade dos professores também as atividades ligadas ao folclore, também. Então nós participávamos não só dos esportes como também de festas comemorativas, festas folclóricas, festas juninas, e isso era muito bom.

I.M. - O que te levou a arbitragem no futebol?

C.G. - Olha, eu sou formada em Educação Física e eu fui a primeira monitora de futebol, da cadeira de futebol da América Latina, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E como eu era monitora de futebol, o meu desejo era ser técnica, eu queria ser técnica de futebol. Sempre gostei de futebol, desde a infância. Eu queria ser técnica, então eu estava estudando para isso na faculdade e aí surgiu esse curso de formação de árbitras, era a primeira vez no mundo em que se fazia um curso só para a formação de árbitras de futebol. E estava sendo organizado pela antiga Associação de Árbitras do Rio de Janeiro, que hoje é o sindicato, não é? Então eles estavam fazendo um curso só para a formação de árbitras de futebol e aí eu me inscrevi. Achei que era um caminho para que eu chegasse ao mundo do futebol, não é? Começasse a ficar inserida no mundo do futebol e ajudasse na minha formação para técnica.

I.M. - Quando você começou a arbitrar?

C.G. - 1983.

I.M. - Onde iniciou a sua atuação na arbitragem?

C.G. - Eu iniciei, na verdade, nos jogos amadores. Porque quando você faz o curso de arbitragem, não é? Pelo menos era assim, não sei como é hoje, acredito que não tenha modificado muito. Você começa atuando nas categorias de base e também no extinto futebol amador, hoje não tem mais futebol amador no Rio de Janeiro, mas antigamente existia o futebol amador vinculado à Federação do Rio. E a gente apitava nos lugares mais escabrosos possíveis, não é? Sem segurança nenhuma, campos sem alambrado, e essa foi a minha escola, trabalhar em campeonatos amadores e também nas categorias de base.

I.M. - Como foi o processo de envolvimento com a arbitragem, você foi gostando, seu envolvimento no curso?

C.G. - Olha, para você ter uma ideia da minha satisfação, eu disse a você que eu fiz o curso com a intenção de me introduzir no meio do futebol, mas para ser técnica de futebol. Pois depois que eu apitei o meu primeiro jogo e sem ser oficial, foi um jogo, eram jogos-treinos que a gente participava, não é? No primeiro jogo em que eu apitei já saí de campo dizendo

que eu ia ser árbitra de futebol. Eu esqueci completamente o meu desejo de ser técnica e disse: “Eu vou ser árbitra de futebol!”, para você ver a minha satisfação.

I.M. - Como foi o processo de formação para a atuação na arbitragem, como foi esse curso que você fez no Rio de Janeiro?

C.G. - Olha, esse curso ele teve a duração de mais ou menos 4 meses, se não me falha a memória, ou mais, eu não consigo mais lembrar. Eu não sei se foram quatro ou seis meses. E esse curso foi realizado na UERJ¹, a gente assistia às aulas à noite e tinha também aulas de Educação Física. E o curso ele consistia de matérias de legislação desportiva, regras de futebol, preenchimento de súmulas e relatórios e da Educação Física, como eu disse. E nesse curso foram inscritas 75 mulheres, 75 mulheres se inscreveram e que chegaram ao final do curso, formaram-se 59. E daí já no curso, tinha um incentivador muito grande, que era um senhor que ele já tinha sido diretor de árbitros do Departamento Amador e se chamava senhor Ícaro Tenório². O seu Ícaro, ele começou a levar a gente para participar de torneios de empresas, torneios nas forças armadas, em quartéis, entendeu? A gente participava desses torneios. Obviamente, tudo amadoristicamente, nós não recebíamos nada, não é? Mas para nós estava sendo uma aula prática, porque na verdade o curso não tinha aula prática, eram só aulas teóricas. Então em campo mesmo, quem fazia esse trabalho era ele, ele levava a gente, arrumava os torneios e a gente ia trabalhar. E isso foi muito bom porque ele nos ensinava na prática a forma da gente se posicionar em campo, os gestos, ele ia corrigindo a gente, foi uma pessoa muito importante na minha formação como árbitra e de outras colegas também. Porque nós não conhecíamos nada, nós só conhecíamos a teoria e aí nos campos a gente ia trabalhando e com muita tranquilidade, principalmente dentro dos quartéis. Porque a gente apitava aos jogos com total segurança, então não havia aquele temor de ser agredida, ou de marcar algo errado e sofrer uma reclamação muito grande, não é? Então foi uma tranquilidade para a gente no início, a parte prática. Já na Federação, não. Na Federação as coisas foram diferentes porque sofremos muito preconceito.

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

² Nome sujeito a confirmação.

I.M. - Quando você iniciou Cláudia, como era visto a situação da mulher na arbitragem no futebol?

C.G. - Olha Igor, esse curso na verdade, ele foi criado porque o futebol feminino estava começando, isso no início da década de 1980 e o problema é que os homens não queriam apitar futebol feminino, que era um futebol pessimamente jogado. Com exceção da equipe do Radar e do Bangu, que eram as melhores equipes do Rio de Janeiro e quiçá do Brasil naquela época, fora isso os times eram muito fracos. Então os homens não gostavam de apitar futebol feminino, não queriam apitar futebol feminino os árbitros. E aí alguém teve a bendita ideia de fazer esse curso, justamente para que mulheres apitassem jogos de mulheres e, por isso que foi criado esse curso. Então na verdade, a arbitragem feminina ninguém sabia o que iria ser, era uma incógnita muito grande. Porque mulher no futebol era muito raro, as meninas estavam começando a jogar futebol, algumas com talento, mas em geral, não eram tão habilidosas, então eles não sabiam como seriam as árbitras. E acabaram se surpreendendo porque nesse curso surgiram muitas árbitras de competência, não é? Mas no início nós éramos tratadas até como atrações em alguns lugares. Quando chamavam a gente para apitar e isso já depois da gente formada, não é? Com o curso completo, chamavam a gente para apitar em alguns lugares, a gente chegava como se fossemos atrações, e eu me batia muito, eu debatia muito sobre isso e brigava muito sobre isso, porque desde o início eu queria uma seriedade muito grande para a gente. Eu costumava dizer que árbitra de futebol não era atração, atração era macaco de jardim zoológico, macaco de circo. Nós não éramos atrações, nós éramos profissionais, não é?

I.M. - O que descreveria como fatores motivacionais para a sua inserção na arbitragem?

C.G. - Olha, eu diria que eu não sei na verdade, eu diria que assim, eu acho que uma das coisas que motiva ou me motivou muito a entrar o futebol na família, não é? Minha família sempre foi muito ligada ao futebol e isso me motivou muito. E eu jogava em casa com os irmãos, não é? Brincava. Brincava na rua, jogava futebol na rua e isso me motivou muito. A carreira mesmo de árbitro de futebol, eu mal conhecia, porque torcia pelo time de futebol, mas nem prestava atenção no árbitro. Então em relação aos árbitros, não teve nada no árbitros que me motivasse, o que me motivou mesmo a entrar foi o fato de gostar de

futebol e a permanecer, acho que esse poder, não é? Esse poder discricionário que o árbitro tem, eu acho que isso é uma motivação muito grande.

I.M. - Você enfrentou dificuldades quando iniciou sua atuação?

C.G. - Bastante. Bastante. Enfrentei dificuldade desde o início até ao fim da minha carreira. Porque não só no Rio, mas no Brasil nós éramos pioneiras, não é? Existiam poucas árbitras nos estados. Porque só o Rio fez esse curso para a formação de árbitras. Nos outros estados existiam árbitras, mas elas faziam o curso junto com os homens, entendeu? Não era um curso único para mulheres, então eram poucas árbitras nos outros estados, como é até hoje, são poucas árbitras. Então a quantidade era pequena, éramos pioneiras, estávamos tentando mostrar que poderíamos atuar tão bem quanto homens, só que em um país muito machista como é o nosso, hoje menos, mas ainda continua machista, então a dificuldade foi muito grande. Porque eles queriam que a gente só apitasse futebol feminino, só que algumas de nós tínhamos para atuar no masculino também. E que foi o que aconteceu, então eu tive muitos problemas, principalmente com a Federação do Rio para que eu pudesse exercer o meu trabalho, eu brigava muito, a imprensa sempre me deu muito apoio, a imprensa sempre enalteceu meu nome, sempre pedia para que eu fosse escalada nos jogos, principalmente depois que eu passei para o futebol profissional, mas havia uma resistência muito grande por parte da Federação. E também por conta de eu sempre ter me engajado, desde o início, na luta pela moralização da arbitragem do Rio de Janeiro. Então havia muita corrupção, muita mesmo, muita corrupção na época. E eu brigava muito contra isso, eu falava, eu usava a palavra para isso, eu usava a imprensa para isso. E tive muitos problemas, principalmente com o presidente da Federação do Rio, o Caixa d'Água³.

I.M. - Você atuava como árbitra ou assistente no futebol profissional?

C.G. - No profissional ou em geral, que você quer dizer? Porque quando eu comecei, eu era árbitra amadora. Então quando eu comecei quando como árbitra amadora, hoje existe o quadro de assistentes e de árbitro. Hoje, que eu digo, já há vários anos, não é? Mas quando eu iniciei a minha carreira não era assim, você tanto bandeirava quanto apitava. E eu

comecei bandeirando, mas logo em seguida já fui para o apito. Então eu passei 99% da minha carreira apitando. Agora quando eu fui para o futebol profissional, no Rio eu apitava, mas quando era para trabalhar pela CBF, nos campeonatos profissionais, no Campeonato Brasileiro, aí eu era escalada bandeirando.

I.M. - Qual foi a maior categoria que você atingiu (CBF, ASP-FIFA, FIFA ou Federação Estadual)?

C.G. - FIFA. Eu fui árbitra da FIFA por 5 anos. No tempo em que começou o quadro, porque no quadro não existiam árbitras na FIFA, o quadro foi criado em 1995. E em 2000 eu abandonei, em 2000 eu abandonei o futebol, então eu fiquei 5 anos na FIFA.

I.M. - E hoje você ainda atua com arbitragem?

C.G. - Não, não. Eu estou totalmente fora do mundo do futebol

I.M. - Qual foi o período em que você arbitrou?

C.G. - Foram 17 anos e meio. Eu entrei em 1983 e terminei em 2000. Foram 17 anos e meio.

I.M. - O que te fez permanecer como árbitra de futebol?

C.G. - Pois é, o árbitro de futebol costuma dizer que a arbitragem é uma cachaca, não é? E justamente com a intenção de dizer que vicia. A arbitragem é viciante. Eu posso te dizer tranquilamente que eu me realizei profissionalmente apitando futebol. Para mim, a melhor realização da minha vida foi apitar futebol. Se eu tivesse que fazer tudo de novo, se eu tivesse essa chance eu faria tudo de novo. E é ruim parar, é difícil parar. É difícil parar de apitar, porque é muito bom.

I.M. - Depois que você se inseriu, depois que já estava apitando no futebol profissional, quais as principais dificuldades que você enfrentou na arbitragem?

³ Eduardo Viana.

C.G. - Como eu disse anteriormente, o machismo, não é? Havia um preconceito muito grande em relação à mulher, então você imagina no Rio de Janeiro, eu era a única a apitar profissional, futebol profissional. Você imagina um quadro de 100 homens e eu, a única mulher e, cada semana a rodada consistia de 5, 6 jogos da primeira divisão e um deles era meu. Então você imagina o problema que eu tive que enfrentar com isso. Porque os homens faziam uma pressão muito grande, para que eu não atuasse, não é? Para que aquela vaga fosse de um outro homem e não de uma mulher. Como no país do futebol, o país machista como é o nosso, uma mulher poderia estar se destacando apitando futebol. E por conta também da minha briga, como eu disse, em relação à Federação, em relação à moralidade do futebol. O meu posicionamento em relação a isso era muito forte. Inclusive eu participei de Sindicato dos Árbitros, participei de diretoria de Sindicato dos Árbitros, e eu realmente não media as minhas palavras para combater a corrupção no futebol. Então por conta dessa concorrência com os homens, desse machismo e por conta de eu sempre estar contra, brigando com a Federação por causa da moralidade do futebol, eu fui muitas vezes prejudicada, fui muitas vezes punida por isso.

I.M. - Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

C.G. - Bom, no início não foi muito satisfatória. Assim não é que as pessoas ficassem em uma posição contrária, não é? Mas também não eram a favor. Naquela época, hoje uma mulher quando ela se insere em qualquer área em que a maioria seja de homens, a maioria dos participantes seja de homens, hoje já se vê de uma forma melhor, mas de década de 1980, que foi quando eu comecei, os familiares assim acharam estranho eu me inserir para apitar futebol. Não existiam bem, árbitras, então minha mãe não gostou muito da ideia, mas como eu falei o pessoal lá de casa sempre foi ligado ao futebol, com o tempo foram vendo que eu gostava, e tinha realmente talento para o que estava fazendo, não é? Então começaram a me apoiar.

I.M. - Em quais campeonatos atuou na arbitragem no futebol profissional?

C.G. - No Rio eu comecei com o Campeonato Carioca de base, não é? Infantil desde escolinha até o juniores, que é o amador. E depois no profissional, campeonato carioca. No

Brasil, Campeonato Brasileiro e no exterior Sul-Americano Feminino, Mundial Feminino e Olimpíadas de Atlanta, também no futebol feminino.

I.M. - O Sul-Americano você lembrar em que ano foi?

C.G. - Lembro. Foi exatamente no ano em que a gente entrou na FIFA⁴, foi em 1995. Em 1995 foi o Sul-Americano feminino que foi realizado aqui no Brasil em Uberlândia.

I.M. - E o Mundial, você lembra, foi em 1995?

C.G. - Não, o Mundial foi antes. O mundial foi em 1991 na China. Foi em 1991 na China. Quando nós fomos não éramos ainda árbitras da FIFA. Esse campeonato mundial, foi o primeiro campeonato mundial organizado pela FIFA em 1991, na China. E aí eles queriam levar árbitras para testarem as árbitras, para saberem se realmente poderiam criar um quadro. Então eles resolveram levar as 6 melhores árbitras do mundo. Para isso eles fizeram uma pesquisa nas associações nacionais filiadas à FIFA em todo o mundo. E conseguiram pegar os 6 melhores currículos e, do Brasil só eu quem fui.

I.M. - O Brasileiro você lembra em qual ano foi?

C.G. - O Campeonato Brasileiro? Não. O primeiro Brasileiro eu não lembro, eu não consigo lembrar quando foi o primeiro brasileiro.

I.M. - Mas o período assim em que você atuou no Brasileiro, você lembra?

C.G. - Lembro. Foi na década de 1990. Com certeza foi na década de 1990. Mas eu não lembro o ano.

I.M. - Que legal você esteve na primeira Copa Mundo, que foi aquela em que os Estados Unidos ganharam?

C.G. - Isso. Foi o Mundial da China.

I.M. - E as Olimpíadas onde foi inserido o futebol feminino, não é?

C.G. - Exatamente. Essa foi a de Atlanta em 1996.

I.M. - Que legal, muito legal mesmo.

C.G. - E essa da China, esse mundial da China, como eu estava dizendo para você, dessas 6 árbitras que a FIFA convocou, na verdade a gente só foi para bandeirar. A intenção da FIFA era que a gente fosse apenas para bandeirar os jogos. Até mesmo porque não nos conheciam, não é? Não conheciam o nosso trabalho. Em toda competição da FIFA os árbitros chegam com uma semana de antecedência. E durante esse período a gente faz treinamentos, faz teste físico, participa de reuniões para conhecimento do regulamento do campeonato, tudo isso, não é? E nesse período, depois dos testes físicos, eles ficaram muito satisfeitos com o desempenho das árbitras. E depois do jogo de abertura, que foi China e Dinamarca, em que eu e a mexicana bandeiramos, no dia seguinte a esse jogo, eu estava no hotel, no andar do meu quarto, no corredor, encontrei com o presidente da Comissão de Arbitragem da FIFA, que na época era o escocês David Will. E ele me disse que depois daquela atuação, a FIFA tinha resolvido inovar, eles iriam botar uma de nós para apitar a decisão de terceiro lugar. Eles resolveram que, uma de nós, pela primeira vez no mundo, ia apitar um jogo pela FIFA. E assim foi, não é? Todas nós tivemos uma motivação a mais no campeonato. Além de estar nesse campeonato que já era tudo para a gente, a gente ainda teve a motivação de estar concorrendo a ser escolhida para apitar a disputa de terceiro lugar. E aí eu acabei sendo a escolhida. Eu apitei a disputa do terceiro lugar entre Alemanha e Suécia em 1991.

I.M. - E das Olimpíadas, você lembra?

C.G. - Nas Olimpíadas já foi uma história diferente. Porque depois desse Mundial em 1991, antes das Olimpíadas de 1996, não é? Teve um outro Mundial feminino em 1995, também aí já com mais mulheres participando. Mas ainda misto, assim como em 1991, em 1995 ainda tinham homens participando. E em 1996 também foi misto, nós fomos para as

⁴ Federação Internacional de Futebol.

Olimpíadas, mas os jogos, teve jogo só com mulheres trabalhando e teve jogo de mulheres com homens. No futebol feminino, não. Só mulheres, mas no futebol masculino pela primeira vez tiveram bandeiras atuando nos jogos masculinos. Foi a primeira vez em que uma bandeira trabalhou em um jogo masculino em Olimpíadas, foi em 1996.

I.M. - Você lembra algum dos jogos que você fez nas Olimpíadas de 1996?

C.G. - Então foi a primeira vez em Atlanta, porque em Atlanta eu já fui como árbitra só. Em Atlanta eu já fazia parte, porque o quadro foi criado em 1995, o quadro da FIFA e eu entrei no quadro como árbitra. E tinha o quadro de árbitros e de fiscais de linha, que se chamam hoje assistentes. Isso em 1995. Então em 1996 quando nós fomos para Atlanta, eu já fui como árbitra, eu não bandeirava, só apitava.

I.M. - Por quais federações e ligas você atuou?

C.G. - Só na Federação do Rio e depois nos meus dois últimos anos, passei aqui na Federação pernambucana. E fora isso, CBF e FIFA.

I.M. - Quais pessoas você destacaria como relevantes para a consolidação da sua carreira?

C.G. - A principal pessoa que me fez chegar a esse curso, foi o professor da faculdade, o meu professor de futebol, da cadeira de futebol, o nome dele é Sebastião Neves Serrano. Ele é professor da Rural, professor de futebol da Rural do Rio de Janeiro. E ele foi o meu maior incentivador, porque quando ele viu o curso, ele me avisou e disse que eu deveria fazer porque eu ia me dar bem. Foi essa a expressão que utilizou. Eu deveria fazer porque eu iria me dar bem, porque eu conhecia bastante de futebol, gostava e que eu ia me dar bem. Esse foi o meu maior incentivador, foi o responsável por eu ter entrado na arbitragem. O senhor Ícaro, também como eu digo, o senhor Ícaro Tenório, também foi uma pessoa que nos ajudou bastante, sem ele eu não se a gente conseguiria ter chegado lá, porque nós éramos muito cruas, não é? Nós tínhamos muita vontade, algumas conheciam, tinha até algumas ex-atletas de futebol feminino ou até algumas atuantes ainda no futebol feminino, como atletas. Mas a diferença entre apitar e jogar é muito grande. E nós tivemos

através dessa pessoa, do senhor Ícaro, um pai na verdade, ele foi um pai para a gente. Porque nos ensinou a teoria na prática.

I.M. - Quais os principais fatos que contribuíram para a consolidação da sua carreira? Por quê?

C.G. - Persistência, eu acho que persistência acima de qualquer coisa. E o fato de a FIFA ter abraçado a questão do futebol feminino também ajudou bastante. Infelizmente no Brasil, nem tanto, não é? Porque você vê que a gente ainda está engatinhando, a gente ainda continua engatinhando em termos de futebol feminino. E em termos de arbitragem feminina também, apesar de que hoje eu fico feliz quando eu ligo a TV e vejo agora direto nos campeonatos brasileiros e também estaduais bandeirinhas atuando. Árbitras é mais difícil, até mesmo porque é muito mais difícil apitar do que bandeirar, mas eu fico feliz porque hoje eu ligo a TV para assistir jogos e vejo muitas mulheres trabalhando. Então é uma recompensa de um trabalho que a gente fez.

I.M. - Você teve algum (a) árbitro (a) como referência para sua atuação?

C.G. - Bom, árbitra não dava para ter, porque como eu te falei, eu fui uma das pioneiras e não tinha árbitra. A única árbitra que surgiu antes da minha geração foi uma árbitra de Minas Gerais, não é? Mas ela só conseguia atuar em jogos amadores porque o diploma dela, ela fez o curso junto com os homens, e não era nem reconhecido pela Federação. Então na verdade eu me inspirei mais em homens, não é? Na minha época quem era o auge era o Arnaldo Cesar Coelho.

I.M. - Porque ele era uma referência para você?

C.G. - Porque foi um dos melhores árbitros que nós já tivemos. Era excelente tecnicamente, preparo físico também e na parte disciplinar. Por ele ser excelente na parte técnica, ele tinha pouco trabalho na parte disciplinar.

I.M. - Como foi para você conciliar as demandas da arbitragem com a sua vida pessoal?

C.G. - Bom, eu tive alguns tropeços na vida pessoal por conta disso. Porque quando eu fiz o curso de arbitragem, eu estava cursando a faculdade e eu estudava fora do Rio, porque a rural do Rio de Janeiro ela fica fora do centro do Rio, então eu morava no alojamento. Para eu fazer o curso eu tinha que terminar a minha aula, que era horário integral, eu saía da faculdade às 5 horas da tarde voando para poder estar no Rio às 7 hs, para pegar a aula, assistir aula até às 10 hs da noite e depois voltava para a faculdade, chegava na faculdade tipo meia-noite. Para depois no dia seguinte às 7 hs da manhã estar na sala de aula novamente. E cumprir a mesma coisa durante 4 vezes na semana. Então durante 4 vezes na semana eu tinha que fazer isso. E isso me trouxe alguns prejuízos na faculdade, por conta de às vezes não poder treinar para as provas, não treinar o suficiente, então me deu alguns problemas na faculdade. Mas depois que eu me formei não. Eu me formei em março de 1985 e aí conseguia conciliar bem o trabalho com a arbitragem, não tive problemas não.

I.M. - Qual (is) episódio (s) marcou (aram) a sua carreira na arbitragem até o momento?

C.G. - Bom, o primeiro deles obviamente foi apitar lá a disputa de 3º lugar no mundial da China, porque foi uma responsabilidade muito grande, aponto de no próprio vestiário eu escutar isso de um dos membros da Comissão de Arbitragem da FIFA, antes do jogo ele dizer para mim que o futuro da arbitragem feminina dependia da minha atuação naquele momento. Porque pela primeira vez uma mulher ia apitar um jogo pela FIFA e um campeonato organizado por ela, então a responsabilidade era muito grande. E esse jogo foi um marco na minha vida porque depois disso a arbitragem feminina só alavancou em termos internacionais. Hoje, todos os campeonatos mundiais, Olimpíadas, no que diz respeito à arbitragem feminina, todos são arbitrados por mulheres, então esse foi um grande marco na minha vida. Outro marco foi a minha inserção no futebol profissional do Rio de Janeiro. Como nunca tinha existido mulher apitando, eu fui a primeira então a apitar jogos do campeonato profissional do Rio de Janeiro e para mim também foi muito importante. Trabalhar ao lado também de nomes da arbitragem brasileira, árbitros conceituados, isso já no Campeonato Brasileiro, quando eu bandeirava para eles, também foi outro marco muito grande. As Olimpíadas de Atlanta, primeira vez também a presença de mulheres nas Olimpíadas, árbitras nas Olimpíadas, então foram ocasiões, foram situações, foram marcos na minha carreira.

I.M. - O que a arbitragem trouxe de positivo para a sua vida?

C.G. - O futebol. Porque até as nossas taxas eram diferentes. Os homens recebiam mais que a gente. Mesmo depois de eu estar com o escudo no peito de árbitra da FIFA, quando eu ia trabalhar nos jogos eu recebia a taxa de um árbitro normal, eles não me pagavam como árbitra da FIFA. Então já demonstra aí a discriminação. Eu não posso dizer que ganhei dinheiro com o futebol, porque realmente não ganhei. Mas em termos de satisfação pessoal, essa foi total, não é? Eu acho que eu cresci muito porque se eu não tinha uma participação de outra forma, uma participação digamos até política no cenário nacional eu tive uma participação muito grande no meio da arbitragem do Brasil. Eu sempre contestei muito a corrupção, sempre briguei muito contra isso. Constantemente estava dando entrevistas e participando de movimentos contra a corrupção. Denunciei um esquema de corrupção no Rio de Janeiro em que na época até ia ser aberta uma CPI, mas infelizmente, como até hoje nós temos políticos, deputados, vereadores, que não merecem estar onde estão, então conseguiram abafar essa CPI. Não foi criada essa CPI, mas mesmo assim eu fiz várias denúncias e tive que dar vários depoimentos na Polícia Federal, na polícia civil sobre a corrupção. E conseguimos até retirar diretor de árbitros corrupto, mas infelizmente não ser além, não consegui passar disso porque conseguiram abafar a CPI do futebol. Então esse crescimento que eu tive em relação ao posicionamento, a me posicionar, eu poderia ter tido uma carreira diferente se eu tivesse me omitido. Eu poderia ter tido uma carreira diferente, eu poderia ter tido um aproveitamento maior no cenário do futebol masculino profissional, eu poderia ter tido um aproveitamento bem maior. Porque era reconhecido que eu sabia trabalhar, o problema todo era o meu posicionamento em relação à corrupção, em relação às falcatruas que existiam na arbitragem, que continuam existindo. Então isso também participou muito da minha vida, quer dizer, também foi um aprendizado que eu tive com o futebol. Então amizades, também, muitas pessoas que a gente conhece assim, muita viagem, eu era professora de Educação Física, hoje sou policial e, se eu pudesse do salário dos dois para conhecer todos os estados que eu conheci e alguns países que eu conheci, jamais teria acontecido. Então o futebol também me proporcionou isso, além da satisfação pessoal, o reconhecimento e até mesmo na época, hoje não porque o país tem uma memória fraca, mas todo o reconhecimento nacional que eu tive em termos de imprensa, em termos de reconhecimento mesmo. Isso aí valoriza o profissional e no fundo também massageia nosso ego.

I.M. - O que significava para você ser árbitra de futebol profissional no Brasil?

C.G. - Como eu falei para você, era uma massagem no ego. Todo árbitro de futebol, ele se sente muito poderoso, ele brinca de Deus (risos) também, não é? Então as decisões estão nas mãos dele. O árbitro de futebol ele tem o poder até de interferir em uma partida, seja de forma proposital ou não. Mesmo que não seja proposital, o erro dele pode mudar o resultado de uma partida. Então esse poder que o árbitro tem, fascina muito, fascina muito.

I.M. - Você diria que atingiu seus objetivos na arbitragem do futebol?

C.G. - Não no futebol profissional masculino. Mas paguei o preço por conta da própria discriminação e também pelas minhas opções de me deixar vencer, eu iria amargar essa situação de não aproveitamento, não é? E também na própria arbitragem feminina em relação ao cenário nacional, eu sempre estava liderando as árbitras no sentido de sermos respeitadas, de não deixar que fizessem covardias, como faziam, tipo mandar a gente viajar de ônibus para uma competição, entendeu? De futebol feminino, aí eu estava sempre botando a minha cara na frente, brigando com a CBF, com a direção da CBF, para que fosse colocado um avião para a gente, para que a gente pudesse viajar de avião, as hospedagens da gente, se não tivessem de acordo, se não fosse hospedagens decentes eu brigava também para que trocassem o lugar e era terrível, era terrível. Hoje eu estou muito quieta, mas eu fui muito contestadora, passei a minha carreira toda contestando. E isso tem um preço, não é? Uma hora você acaba sendo preterida, em várias situações por conta disso. Então eu gostaria de ter chegado mais, chegado mais longe em termos de futebol masculino. Feminino, não. Feminino eu alcancei tudo o que uma árbitra poderia sonhar alcançar, eu alcancei. Mas no futebol masculino eu sei que eu tinha capacidade para chegar mais longe, mas infelizmente por conta da política isso não ocorreu.

I.M. - Cláudia, como você percebia o olhar dos outros (jogadores, torcedores, comissão técnica, comentaristas) sobre a mulher em campo no futebol profissional brasileiro?

C.G. - Sempre de forma positiva. Sempre de forma positiva. Todos os segmentos do futebol e esses que você citou de torcedor, jogador, imprensa, principalmente esses sempre

foram positivos os olhares. Até mesmo porque eles querem bons profissionais trabalhando no futebol. O problema maior são os dirigentes. O problema maior são as pessoas que lucram com o futebol, esses sim é que muitas vezes as pessoas que trabalham de forma correta atrapalham o andamento. Então o atleta não, o torcedor não e a imprensa não, esses querem o futebol bem jogado, um futebol correto, bem arbitrado, não importa quem esteja trabalhando. Importa que trabalhe bem. O problema é com os dirigentes do futebol brasileiro, por isso nós estamos nesta situação hoje, por conta dos dirigentes que atuam no futebol brasileiro. Que a maioria esmagadora é um bando de incompetentes, e que só prejudicam os clubes, só esvaziam os cofres dos clubes.

I.M. - Como você percebe o tratamento da mídia em relação à árbitra de futebol?

C.G. - Eu acho o tratamento muito bom. Não vejo de forma alguma análise discriminatória dos comentaristas de futebol, não vejo, não vejo isso, não sinto isso. Acho que eles são bem imparciais quando julgam atuação, principalmente de uma bandeirinha, não é? De uma assistente, porque hoje a gente não vê muita árbitra apitando, então vê mais assistentes. Mas eu vejo com muito bons olhos os comentários que são feitos, nunca de forma pejorativa, às vezes até de forma bem mais cuidadosa. Eu acho muito positivo.

I.M. - Em sua visão como são vistos pela mídia os erros de arbitragem cometidos por homens e mulheres? Existe alguma diferença na maneira como são retratados?

C.G. - Não, hoje não. Não vejo nenhuma diferença não. Não consigo ver diferença não.

I.M. - Como é (era) a rotina de treinamentos para atuar no futebol profissional?

C.G. - Bem, o treinamento sempre foi muito forte, desde a época em que eu comecei e hoje está até mais forte porque cada vez os árbitros são mais exigidos por conta da evolução física e da forma como o futebol é jogado hoje. O futebol está muito veloz, então os árbitros precisam acompanhar isso. Antigamente você tinha um sistema de posicionamento em campo, não é? Que era um sistema em diagonal. Você não pode mais fazer esse sistema em diagonal, você não tem mais como apitar uma partida só correndo em diagonal, você hoje tem que correr praticamente o campo todo. Precisa estar sempre próximo ao lance,

não só porque os atletas estão correndo mais, mas também porque hoje você vai apitar um jogo e você tem 20 câmeras em cima. Então antes você, se cometesse até um erro muitas pessoas nem viam, hoje tudo o que acontece em campo o espectador vê, o telespectador vê. Então o árbitro tem que ter um trabalho físico muito grande, é preciso que no Brasil, os árbitros de futebol sejam profissionalizados, tem que acabar com esse amadorismo. Não dá mais para a gente ficar tendo o nosso emprego e depois de trabalhar é que vai treinar, não pode ser. Hoje o treinamento ele tem que ser muito mais forte, o árbitro tem que estar voltado somente para isso, ele tem que se profissionalizar. Essa seria uma forma também de diminuir os problemas de arbitragem no Brasil, é a profissionalização do árbitro. Ele tem que viver disso, ele tem que trabalhar fora de campo na sua preparação física, no seu condicionamento físico e trabalhar nos jogos sem a preocupação se vai estar ou não escalado na próxima partida. Sem a preocupação de agradar ou desagradar a uma equipe ou a um dirigente e ficar fora de uma próxima escala. Então o árbitro sendo profissional, isso acaba, porque ele vai ser um funcionário da Federação.

I.M. - Você observa diferenças entre o árbitro e a árbitra no futebol? Caso afirmativo, quais diferenças você destacaria?

C.G. - Bom, eu acho que na verdade, a mulher ela sempre vai ter isso, ela não vai perder, não é? A mulher ela tem uma sensibilidade muito mais aguçada, muito mais apurada. O homem ele é mais o que ele vê, a mulher ela vê não só aquela situação, mas ela vê além daquela situação, eu acho que isso é uma grande vantagem. Eu acho que isso foi uma grande vantagem para mim como árbitra. Então eu vejo diferenças sim por conta da própria natureza do homem e da mulher. Isso facilitar na hora de você apitar um jogo, na hora de você trabalhar em um jogo. Eu acho que isso facilita muito. E essa é a maior diferença que eu vejo. A questão física nem se fala, não é? Porque obviamente que o homem tem uma capacidade física maior do que a da mulher, mas isso não impede, essa diferença não impede que a mulher consiga alcançar os mesmos resultados. Mas há um diferença também, tirando essa diferença física e eu acho que essa diferença de análise, de sensibilidade, que aí eu acho que a mulher leva vantagem, fora isso não vejo outras diferenças não.

I.M. - O que a sua geração de árbitras deixa(ou) para as gerações seguintes?

C.G. - Eu acho que a primeira que pode se pensar é de que a gente deixou respeito. O que a minha geração fez foi conseguir respeito, não deixando que as pessoas pensassem que aquilo ali só iria durar 15 minutos, entendeu? Que seriam pessoas que iriam aparecer ali como novidades, como atrações e que não fossem vingar. Eu acho que o respeito foi o principal legado eu a gente deixou. A gente consegue hoje assistir em várias categorias, eu estava vendo o Brasileiro sub-17, mulheres bandeirando, Campeonato Brasileiro, primeira divisão do profissional, Brasileiro série A, B, mulheres trabalhando, bandeirando. Então esse foi o legado que a gente deixou. O trabalho, o respeito, o reconhecimento das pessoas pelo nosso trabalho. Foi difícil, a gente sabe que é sempre difícil para quem é pioneira, mas alguém precisa abrir a picada, não é? Alguém precisa abrir a mata, não é? E eu acho que nós fizemos esse trabalho.

I.M. - Quando você parou de arbitrar, por quê?

C.G. - Eu tive uma lesão na coluna, justamente quando eu me mudei para cá, em 1998, eu me mudei para Pernambuco. Mudei de Federação, vim para a Federação Pernambucana, trouxe meu escudo comigo, não é? Continuava árbitra da FIFA. Mas eu comecei a sentir alguns problemas, não é? Dores e foi por um problema que eu tive na coluna. Eu fiz o tratamento, fiquei bem. Porém para que eu me mantivesse bem, eu tinha que fazer um trabalho além do trabalho de condicionamento físico, eu tinha que ter um outro tipo de trabalho diário, com alongamentos e fortalecimento muscular. E isso pesou, como eu disse para você nós não somos árbitros profissionais, nós temos a nossa profissão e além da nossa profissão, eu ainda sou dona de casa, eu sou uma mulher. O que isso também atrapalha nas nossas atividades, porque a mulher, ela assumiu hoje vários postos, mas ela não perdeu a condição de dona de casa. Então eu precisava me condicionar fisicamente, fazer esse trabalho extra de reforço muscular e de alongamento, e precisava trabalhar. E precisava apitar, então eram muitas coisas. E isso começou a corroborar para que eu fosse pensando em abandonar a carreira. Politicamente falando, também por conta dessa minha mudança para cá, eu tive um problema muito sério com o ex-diretor de arbitragem, o Armando Marques, não é? Que não concordou com isso. Apesar de um homem já ter feito isso, um homem já ter mudado de Federação, eu era o 2º árbitro no país a mudar de Federação. O homem mudou e ele não fez nada, quando eu mudei ele passou a me

perseguir, a não concordar com isso. E aí eu vi que eu já estava com um problema de saúde, um problema físico, já tinha feito campeonato mundial, Olimpíadas, e eu estava simplesmente batendo de frente com o maior nome da arbitragem nacional, que era o diretor da CBF, o diretor do departamento de árbitros da CBF. Então, eu achei por bem parar. Eu parei precocemente aos 37 anos, porque o árbitro de futebol, ele pode apitar até aos 45. Mas aos 37, eu resolvi parar de apitar porque vi que eu teria que brigar muito mais e já estava ficando cansada de brigar. Então aos 37 anos eu parei, no ano de 2000. Larguei os quadros, todos eles, não é? O da Federação Pernambucana, o nacional e o da FIFA.

I.M. - Cláudia, como foi a decisão de parar de arbitrar?

C.G. - Difícil, muito difícil. Às vezes a gente precisa, até no meu caso, eu precisei dar um corte muito grande, até em saber notícias da arbitragem, porque é muito difícil parar de apitar. Você não tem vontade, você acha que você tem que continuar, que é uma necessidade, é uma necessidade muito grande. Então foi difícil a decisão de parar. Principalmente precocemente, eu tinha 37 anos, eu tinha mais 8 anos para continuar atuando, mas eu não podia continuar brigando, principalmente contra o maior nome da arbitragem nacional. Então foi uma decisão que não dependeu só de mim. Porque por mim, por vontade, eu continuaria, mas diante da situação em que eu me encontrava, em relação ao dirigente maior da arbitragem, a escolha naquele momento foi de abandonar. Realmente foi muito dolorido.

I.M. - Como foi a transição a partir do momento em que você decidiu parar de arbitrar?

C.G. - Como eu disse anteriormente eu precisei não mais ter contato com a arbitragem. Eu não visitava mais à internet para saber assuntos de arbitragem, saber escalas de arbitragem, procurava ver menos jogos, me interessar menos pelos campeonatos, pelos jogos. Passei assim durante um bom tempo, até que eu pudesse fazer o que eu faço hoje. Hoje eu assisto o futebol, claro que eu apito, toda vez em que eu estou assistindo um jogo eu apito, o tempo inteiro, não é? Então é como se eu estivesse dentro de campo. Mas hoje eu consigo assistir a um jogo sem me emocionar, sem querer estar lá dentro. Mas para isso eu precisei me afastar totalmente. Por isso eu não trabalho em nada relacionado à arbitragem de futebol.

I.M. - O que mudou em sua vida depois de ter parado de arbitrar?

C.G. - Bom, a primeira coisa é o ostracismo, não é? Você volta a ser uma pessoa não mais pública, porque quando você é árbitro você é público. Qualquer coisa, qualquer situação negativa que ocorra com você, alguém vai botar em uma manchete: “Árbitra de futebol é pega e não sei o que”, entendeu? Então você é uma pessoa pública quando você é um árbitro de futebol. E depois que eu parei não, não é? Veio o ostracismo, eu hoje não sou reconhecida, hoje meu nome não significa nada, as pessoas não conhecem meu nome, não sabem quem eu sou, as pessoas não conhecem a minha história. Então o que muda na vida da gente é isso. O país não tem memória, a gente simplesmente é esquecida. Sem o trabalho como está sendo feito agora por você, que está resgatando essa memória, continuaríamos esquecidas, entendeu? As pessoas sempre achando que a arbitragem feminina está começando agora. Então eu acho que a maior situação é essa, e a do ostracismo. A pessoa deixa simplesmente de existir e parece que ela nunca existiu.

I.M. - Qual foi o principal legado que a arbitragem deixou para a sua vida?

C.G. - Realização. A realização que eu tive. Eu nunca me senti realizada como professora de Educação Física, realizada profissionalmente, não foi o que eu mais gostei de fazer na vida. Ser policial não é o que eu mais gosto de fazer na vida, mas apitar futebol foi a melhor coisa que eu fiz na vida. Então que deixou para mim foi essa realização. Eu queria ter a chance de começar tudo de novo, fazer tudo de novo. E entrar em campo, botar meu uniforme, entrar em campo, apitar. Satisfação, então a arbitragem me deixou isso. Me deixou também orgulhosa por ter me mantido uma pessoa íntegra, mesmo diante de todas as situações, em que poderia ter optado. Talvez eu tivesse tido outro caminho na arbitragem se eu tivesse optado pelos caminhos errados, pela corrupção. E eu me sinto orgulhosa de nunca ter entrado nisso, de ter seguido a minha educação, a minha formação familiar e educacional e, nunca ter entrado nessa bandidagem toda. E as amizades, também, que a arbitragem me deixou. Ganhei bons amigos, muitos bons amigos no futebol também.

I.M. - Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

C.G. - Eu gostaria apenas de dizer que as árbitras que hoje estão ainda atuando, ou aquelas meninas têm vontade de serem árbitras, que elas tenham muita persistência, que elas insistam porque o caminho não é fácil. O caminho não é fácil. Para nós mulheres é mais difícil, a possibilidade de a gente ter a vivência com o futebol é mais difícil. Porque os homens começam a jogar futebol desde cedo, as mulheres não. As mulheres não têm essa oportunidade de jogar uma pelada, entendeu? O homem joga toda hora, para a mulher é mais difícil. Então persistir. Esse é o recado que eu gostaria de dar. Que as mulheres continuem tentando, continuem estudando porque outras já existiram. Eu sou a prova viva disso. Então dá para chegar. Mas para isso precisa realmente ter muita vontade, ter muito coração e muita persistência.

[FINAL DA ENTREVISTA]